



## A ESCOLA, O PROFESSOR E A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA

Cristiane de Fátima Costa Freire

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN.

E-mail: [crisnenem8@hotmail.com](mailto:crisnenem8@hotmail.com)

Hildevânia da Silva Monte

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN.

E-mail: [hilda\\_monte02@hotmail.com](mailto:hilda_monte02@hotmail.com)

Andreza Emicarla Pereira Cavalcante

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN.

E-mail: [andreza\\_emicarla@hotmail.com](mailto:andreza_emicarla@hotmail.com)

Maria das Graças de Oliveira Pereira

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte- UERN.

E-mail: [mary\\_ta\\_oliveira@hotmail.com](mailto:mary_ta_oliveira@hotmail.com)

**Resumo:** Quem ensina, deve saber os conteúdos a serem repassados para o aluno. A escola precisa levar as crianças ao reino da contemplação do conhecimento. Nas ruas, elas não aprenderam informações linguísticas, farão, claro, hipóteses extraídas quase sempre da fala espontânea. E é na escola, com bons professores, que aprenderão que tais informações lhes darão habilidade para a leitura e para a vida fora da escola. Em casa, a tarefa de reforço do que se aprender na escola constitui-se um complemento importante, desde que os pais sintam-se parte do processo. Portanto, a educação escolar de qualidade, é um dever das instituições de ensino, compartilhado com a família e com todos que operam com os saberes sistemáticos que envolvem a sociedade como um todo. Compreendendo a relevância dessas discussões, nesse estudo, realizamos uma análise bibliográfica e de campo, com a utilização de observação e entrevista, como também a aplicação de uma atividade de escrita com uma turma de alfabetização, na perspectiva de analisar o processo de construção da escrita da criança. Os resultados da pesquisa empírica apontam que a escola está buscando contextualizar o ensino, e assim, viabilizar uma educação de qualidade as crianças em fase de alfabetização, no entanto, ainda existem desafios a serem vencidos. Podemos concluir que a pesquisa ora relatada foi relevante tanto para a nossa vida acadêmica, como também a profissional, nos permitindo enxergar o processo de escrita como algo inerente ao ser humano e que precisa de estímulos do ambiente para que possa ser construído e concretizado.

**Palavras-chave:** Ensino. Alfabetização. Construção da escrita.

### INTRODUÇÃO

Em meio às sociedades letradas, as crianças, desde os primeiros meses, estão em permanente contato com a linguagem escrita. É por meio desse contato diversificado em seu ambiente social

que as crianças descobrem o aspecto funcional da comunicação escrita, desenvolvendo interesse e curiosidade por essa linguagem.

Sabe-se que para aprender a escrever a criança terá de lidar com dois processos de aprendizagem paralelos: o da natureza do sistema de escrita da língua, ou seja, o que a escrita representa e como, e o das características da linguagem que se usa para escrever. Tal aprendizagem, associa-se ao contato com textos diversos, construindo assim, sua capacidade de ler, intrinsecamente associada à de escrever autonomamente.

No processo de construção dessa aprendizagem as crianças cometem “erros”, que nessa perspectiva, não são vistos como faltas ou equívocos, são esperados, pois se referem a um momento evolutivo. Escrever, mesmo com esses “erros”, permitem às crianças avançarem, uma vez que escrevendo é possível enfrentar certas contradições, como: pensar que não é possível escrever com menos de três letras, ou que para escrever “gato” são necessárias duas letras, estabelecendo uma equivalência com as duas sílabas da palavra. A escrita passa a ser então, um processo de descoberta para a criança, na busca do saber científico.

Portanto, para a alfabetização ter sentido, a escola tem que trabalhar com o contexto da criança, com histórias e intervenções que podem aglutinar, contrair, “engolir” palavras, desde que essas palavras ou histórias façam algum sentido para elas. Os “erros” podem e devem ser trabalhados, pois ao contrário do que a maioria das escolas pensam, eles demonstram uma construção.

Nosso estudo deteve de uma abordagem qualitativa, pois “[...] parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo a questão em estudo” (FLICK, 2009, p. 16). Assim, buscamos compreender como se dá um fato ou fenômeno em um determinado grupo social, nessa oportunidade pesquisamos: como se constrói o processo de escrita da criança nas séries iniciais.

Para realização desse estudo, realizamos inicialmente uma pesquisa bibliográfica sendo “[...] desenvolvida com base no material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2009, p.44) pautada em autores como: Cagliari (1998), Cardoso (1998), Ferreira (2001), Ferreira e Teberosky (1999), Soares (2003) detendo das categorias teóricas, em um segundo momento realizamos a pesquisa empírica a partir de uma entrevista com a professora e a aplicação de uma atividade de escrita espontânea com os alunos, onde constatou-se que a educação está

tentando enquadrar-se numa linha de trabalho, um pouco mais voltada para a realidade de seus alunos, mas sabe-se que existe falhas e equívocos, desde as cartilhas até a realização da prática.

## O PROCESSO DE CONTRUÇÃO DA ESCRITA: APORTES TEORICOS

A linguagem escrita é um dos objetos de conhecimento que a criança se defronta num mundo que busca compreender. Em seus estudos, Ferreiro tentou mostrar a diferença entre a proposta tradicional de alfabetização e uma outra que leva em consideração que a criança constrói progressivamente, como ser que pensa e reflete, o seu próprio conhecimento sobre a língua escrita. Assim sendo, FERREIRO (1995, p.55) afirma:

Como outros sistemas de escritas, o sistema alfabético é o produto do esforço coletivo para representar o que se quer simbolizar: a linguagem. Como toda representação, baseia-se numa construção mental que cria suas próprias regras. Sabe-se, desde Luquet, que desenhar não é reproduzir o que se vê, mas sim o que se sabe. Se este princípio é verdadeiro para o desenho, com mais razão o é para a escrita. Escrever não é transformar o que se ouve em formas gráficas, assim como ler também não equivale a reproduzir com a boca o que o olho reconhece visualmente.

Nesta ótica de entendimento, a escrita passa a ser vista como um sistema de representação, porém muitos educadores, de uma maneira errônea, ensinam a língua escrita, achando que alfabetizar é ensinar um novo código, com elementos e relações pré-determinados, apenas como uma transcrição da linguagem oral, onde na opinião de Emília Ferreiro, cria consequências desastrosas. A esse respeito a autora supracitada (1985, p.16), assim se pronuncia:

[...] se a escrita é concebida como um código de transcrição, sua aprendizagem é concebida como aquisição de uma teoria; se a escrita é concebida como um sistema de representação, sua aprendizagem se converte na apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, uma aprendizagem conceitual.

A criança ao interagir com a língua escrita, sente dificuldades conceituais, semelhantes às construções dos outros sistemas de linguagens. Sabe-se ainda, que a criança não pede permissão para aprender, pois desde muito pequena está pensando sobre as coisas da cultura e da natureza com as quais entra em contato por exemplo, a linguagem escrita constante nos cartazes de rua, nos

jornais, na televisão, nos livros de histórias que os parentes e amigos leem para ela, e é exatamente isso, que proporciona o modo de escrita espontânea.

A nova concepção encara a criança como um ser que pensa e analisa os aspectos construtivos de suas produções. Em suas primeiras tentativas de escrita, ela começa com traços ondulados, pequenos círculos ou linhas verticais, mas já podemos afirmar que nesse momento existe escrita na criança. Em relação a questão ora comentada FERREIRO e TEBEROSKY (1999, p.191), relatam:

Estas primeiras tentativas de escrita são de dois tipos: traços ondulados contínuos (do tipo de uma série de emes em cursiva), ou uma série de pequenos círculos ou de linhas verticais. Naquele momento, já existe escrita na criança: é a maneira de escrever aos 2 anos e meio ou 3 e ainda que a semelhança do traçado em relação à do adulto não passa de ser global, os dois tipos básicos de escrita aparecem: os traços ondulados contínuos (com a continuidade da escrita cursiva); os círculos e riscos verticais descontínuos (com a descontinuidade da escrita de imprensa).

Diante disso os atuais estudos sobre a linguagem infantil mostram que, inicialmente, a criança considera a palavra como parte do objeto e não como um signo. É notório nesse processo que quem simplesmente decora, não questiona, não transforma, não vai além. Na construção da escrita não se têm fórmulas. Uma educação que esteja voltada para o futuro deve incentivar o entendimento e a interpretação a partir das próprias experiências e concepções do aluno, fazendo com que o processo de aprendizagem ocorra de dentro para fora de sua cabeça. Portanto, aprender é encontrar por si próprio, respostas para os seus questionamentos.

A criança tem a sua frente uma longa estrada, até chegar a leitura e a escrita da maneira dos adultos, a conceber, percebendo que a cada som corresponde uma determinada forma, que há grupos de letras separadas por espaços em branco, grupos estes que correspondem a cada uma das palavras escritas.

Segundo as pesquisas a que se vinha referindo, para que algo sirva para ler é preciso que contenha um certo número de letras, variável entre dois e quatro. Letra sozinha não representa nada escrito.

Diante disso, como ficam os alfabetizadores em relação a esse problema, se a grande maioria das cartilhas apresentam às crianças logo de início, palavras.

As cartilhas mostraram-se e mostram que não são eficientes para a tarefa de ensinar a ler e a escrever a crianças pré-silábicas, pois toda cartilha parte do pressuposto de que a criança já compreende o sistema de escrita, ou seja, que ela já entende que aquilo que as letras representam é a

pauta sonora dos nomes dos objetos, e não o próprio objeto a que se refere. Pode-se citar aqui, a opinião de Cagliari (1996) ao expor: Nessas tentativas de escrita, a criança não procura copiar, mas representar o que ela imagina que seja a escrita [...]. É importante deixar claro que as crianças experimentem como escrever as letras; dar tempo para que isso aconteça (p.121).

O processo de alfabetização na escola está passando por uma grande revolução conceitual a partir das contribuições de Emília Ferreiro, e colaboradores. Para ela a linguagem escrita é um desses objetos de conhecimento que a criança se defronta no mundo e que busca compreender.

Em seus estudos, Emília Ferreiro tentou salientar a diferença entre a proposta tradicional de alfabetização e uma proposta que leva em consideração que a criança constrói progressivamente, como um ser que pensa e reflete o seu próprio conhecimento sobre a língua escrita. Do ato de ensinar, o processo desloca-se para o ato de aprender por meio da construção de um conhecimento que é realizado pela criança, que passa a ser vista como um agente e não como um ser passivo que recebe e absorve o que lhe é “ensinado”. Nessa perspectiva, os conceitos de prontidão, imaturidade, habilidades motoras e perceptuais, deixam de ter sentido isoladamente, sendo relacionados ao contexto da realidade sociocultural dos alunos.

O problema que tanto atormenta os professores que é o dos diferentes níveis em que normalmente os alunos se encontram e vão se desenvolvendo no processo de alfabetização, assume papel importante, já que a interação entre eles é fator de suma importância para o processo.

Entende-se o processo de aquisição da escrita pelas crianças sob diferentes pontos de vista: o ponto de vista mais comum onde a escrita é imutável e deve se seguir o modelo “correto” do adulto; o ponto de vista do trabalho de Ferreiro onde a escrita é um objeto de conhecimento, levando em conta as tentativas individuais infantis; e o ponto de vista da interação, o aspecto social da escrita, onde a alfabetização é um processo discursivo. Cabe aos pedagogos pensar nesses três pontos de vista e construir o seu.

## **O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA**

A aprendizagem consiste numa tomada de conhecimento por parte do indivíduo, ou seja, toma-se algo que era estranho em um fator comum, onde o aprendiz passa a ter uma maior interação com o que antes da leitura lhe era estranho. Esta é a maneira que se propõe para assinalar a importância que há na interação professor-aluno no contexto da aprendizagem da escrita. Conforme FREIRE (1996, p.31): “O professor que pensa certo deixa transparecer aos educadores que uma das

bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo.”

De acordo com a citação do autor, o professor deve encaminhar o aluno para um processo contínuo e ao mesmo tempo, construído por ele próprio, principalmente no que se refere à aprendizagem da escrita. Analisar as representações sobre a escrita que a criança tem é importante para o professor saber como agir, pois não é porque ela participa diretamente da construção do seu conhecimento que não precisa ser ensinada, ou seja, ao professor, cabe organizar atividades que favoreçam a reflexão da criança sobre a escrita, porque é pensando que ela aprende. Escrita é um processo no qual estão envolvidos basicamente aspectos cognitivos; é pensando sobre o que a escrita representa e como ela se estrutura que a criança constrói esse sistema.

Sem nenhuma dúvida, a maior contribuição dada pela Psicologia à educação foi a da Teoria do Construtivismo sócio-interacionista de Jean Piaget e de seu discípulo Vigotsky, que possibilitou e respaldou Emília Ferreiro e seus colaboradores no final do século XX, com descobertas fantásticas sobre a *Psicogênese da Língua Escrita*, através de pesquisas que realizaram com crianças de vários países do mundo. É preciso lembrar que a teoria pode alimentar a prática, mas não fornece instrumentos metodológicos.

A preocupação inicial tanto em Piaget como em Vygotsky não era a educação ou o desenvolvimento de uma metodologia, Piaget tinha uma abordagem epistemológica e Vygotsky uma abordagem genética, porém seus estudos levaram a uma elaboração das estruturas mentais e do desenvolvimento infantil. Segundo, Ferreiro (2001) A escola (como instituição) se converteu em guardião desse objeto social que é a língua escrita e solicita do sujeito em processo de aprendizagem uma atitude de respeito cego diante desse objeto [...] (p. 21).

Tem-se que deixar claro aqui, que na verdade a escrita só é importante na escola porque é importante fora dela, e não o inverso, devendo ser tratada não só como objeto de estudo, mas também como um fator social. Para Vygotsky, é particularmente importante a intervenção pedagógica intencional no domínio do sistema de escrita. Segundo ele, a aprendizagem da escrita é um objeto cultural tão complexo que depende de processos deliberados de ensino.

O fato de a criança estar imersa em uma sociedade letrada não lhe permite desabrochar espontaneamente como uma pessoa alfabetizada. O mero contato com a língua escrita não é condição suficiente para que a criança possa construir uma concepção que dê conta de toda estruturação do sistema. Dessa forma, é essencial a mediação de outros indivíduos para provocar avanços no domínio desse sistema culturalmente desenvolvido e compartilhado que é a escrita.



## CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto neste estudo, admite-se que o homem nasce com algum tipo de equipamento inato, que lhe permite interagir com os objetos de seu ambiente e deles extrair significados. Se a escrita é um objeto desse ambiente, ela será apreendida seguindo um curso natural e será usada como instrumento de comunicação.

É importante ressaltar que a aprendizagem será facilitada se o contexto lhe suprir condições para a interação comunicativa, através de jogos e estórias, as quais lhe fornecerão a base para o desenvolvimento da capacidade simbólica. O desenvolvimento da escrita parece ainda seguir alguns princípios já postulados para a aquisição da fala. Os processos exigidos na leitura e na escrita são ambos parcialmente isomórficos com a forma e os processos envolvidos na fala, e é natural concluir por uma teoria da aprendizagem que não seja qualitativamente muito diferenciado de uma teoria da aquisição.

Mediante o que fora colocado em discussão sobre o processo de escrita, questão trabalhada neste artigo, de tudo o que a escola pode oferecer de bom aos alunos, sem sombra de dúvidas, a alfabetização é a melhor. Portanto, este trabalho é apenas o começo de um estudo maior, profundo e abrangente na área da escrita, objetivando uma mudança no pensar e agir dos educadores.

## REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística**. 9 ed. São Paulo: Scipione, 1996.

CARDOSO, Beatriz. **Ler e escrever muito prazer!** São Paulo: ática, 1998.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. **De Emílio a Emilia – a trajetória da alfabetização**. São Paulo: Scipione, 2002.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre alfabetização**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Edição comemorativa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** 23 ed. São Paulo: Paz e terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Autores Associados e Cortez, 2001.

GOODMAN, Yetta M. **Como as crianças constroem a leitura e a escrita. Perspectivas piagetianas.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KATO, Mary A. **No Mundo da Escrita. Uma perspectiva psicolinguística.** São Paulo: Ática, 2002.

MOREIRA, Nadja Ribeiro. **Chapeuzinho Vermelho Aprende a Escrever.** São Paulo: Ática, 1996.

NUNES, Terezinha. **Dificuldades na aprendizagem da leitura: teoria e prática.** São Paulo: Cortez, 1992.

TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da linguagem Escrita.** 10 ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2001.

TERRA, Antonia. **Textos e Reflexões: para o ensino de pré-escola e 1º grau.** São Paulo: Planed, 1993.

VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 4 ed. São Paulo: ícone, 1988.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FLICK, Uwe (Coord.) Trad. Roberto Cataldo Costa Ed. Dirceu da Silva. **Desenho da pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. 12. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.